

IMAGEM CORPORAL E AUTOCONHECIMENTO, CONCEITOS POSSÍVEIS DE SEREM TRABALHADOS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

JÚLIA DE FÁTIMA RIBEIRO GAMA, Esp.
INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE
UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
ÉRICA PEREIRA NETO, Esp.
UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
ANDRÉ GONÇALVES DIAS, Esp.
INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE
UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
ANGELO LUIS DE SOUZA VARGAS, Dr. (Orientador)
PROCIMH-RJ
UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
RIO DE JANEIRO/RJ, BRASIL
juliargama@gmail.com

INTRODUÇÃO

O autoconhecimento e o autoconceito são determinantes para a formação do sujeito, sendo função da escola contribuir para a construção de um cidadão autônomo nas ações e práticas sociais, além de produtores e portadores de idéias, e protagonistas da ação pedagógica, inventando-se a si mesmos nas relações estabelecidas e constituindo-se sujeitos na reapropriação de saberes (FOUCAULT, 1999, *apud* OLIVEIRA, 2003).

Os profissionais de Educação Física, tendo em vista os novos caminhos pelos quais a sociedade avança e conceitua a corporeidade, necessitam reconhecer o novo paradigma, com vistas de prover posicionamento crítico em relação aos novos padrões.

Abordar tais questões significa, dentro e fora da escola, adotar posicionamentos que questionem imposições que determinem padrões rígidos de beleza que ocasionem cada vez mais a insatisfação com o próprio corpo.

A mídia certamente influencia os aspectos psicológicos dos indivíduos, inserindo de forma maciça, através dos meios de comunicação, padrões de saúde, beleza e qualidade de vida, impulsionando o culto a um modelo de corpo "sadio e belo" e relacionando-o com a felicidade e realização (VIEIRA, 2004).

Segundo Costa (1997), o aspecto proposto pela promoção de saúde na escola objetiva tornar o discente autônomo, processo pelo qual esse se torna sujeito diante do conhecimento, podendo, portanto, produzir respostas diferentes para as diversas questões que lhe são apresentadas.

A educação física escolar distancia-se de discussões a respeito da corporeidade quando perpetua o foco unicamente em práticas desportivas e objetivos tecnicistas. Propor uma intervenção, neste sentido, significa num primeiro momento identificar a real relação entre os conceitos de beleza e a satisfação com a própria imagem com o passar do tempo. Compreendendo tal relação, tornam-se relevantes as intervenções necessárias, visto que a implementação de tais ações devem fazer parte dos objetivos de profissionais da área de Motricidade Humana. Considerando-se, portanto, que pesquisas que tenham relação direta com esse enfoque são bastante esparsas, justificam-se tais intervenções e investigações.

Outrossim, espera-se também que esse estudo proporcione ao profissional de Educação Física o aporte teórico com subsídios importantes acerca das possibilidades de intervenção no referido tema, possibilitando-lhe a construção de novos paradigmas metodológicos de orientação de conteúdos significativos nas aulas de Educação Física Escolar.

Corporeidade e concepções de estética

Segundo Rodrigues (2005), no século do corpo, este torna-se, por um lado, objeto de estudo de diversas ciências, como a Antropologia, Sociologia, Filosofia; e, por outro lado, pela conscientização da importância de práticas corporais que integram valores culturais orientais, torna-se objeto de estudo em sua própria significação, a corporeidade.

Manuel Sergio (1999) define corporeidade como a significação e a presença participativa no mundo, de onde surge a motricidade, que justifica sua razão de vida de “projeto” e onde a conduta motora representa um sentido através do corpo.

Neste sentido existem duas vertentes: Foucault (1988) vê o corpo como passivo diante da historicidade e da política quando afirma que “o corpo é moldado por um grande número de regimes distintos”; Merleau-Ponty (1999) acredita no corpo como uma entidade ativa diante das vivências, que se utiliza de hábitos adquiridos para lidar com as situações apresentadas pelo mundo.

Uma definição de corpo torna-se uma tarefa árdua já que essa estrutura é dependente de fatores culturais, religiosos e educacionais (SCOPEL e BARTILOTTI, 2006). Para esses autores, a fenomenologia entende o corpo como uma estrutura eminentemente relacional e a corporeidade como o nosso “ser-no-mundo”.

Estudo realizado em relação às alterações na expressão da corporeidade de alunos da sexta série praticantes de Educação Física Escolar, teve como principal objetivo analisar as alterações na corporeidade nessa prática orientada e, como objetivos específicos, revelar novas rotinas construídas pelos alunos a partir da participação em atividades físicas regulares, assim como detectar alterações na construção da imagem corporal. Este estudo foi realizado no município de Passo Fundo (RS). Foram entrevistados (entrevista semiestruturada) 18 alunos, participantes de aulas de Educação Física Escolar, três vezes por semana, com duração de 40 minutos cada. Os resultados encontrados concluíram que através das intervenções feitas o grupo demonstrou alterações na corporeidade a cada novo movimento trabalhado, escrevendo a cada aula uma história prévia através de seus movimentos, assim como dos erros e acertos, deixando-se perceber todo conjunto de relações emocionais e culturais construídas no momento da ação.

Reiterou-se também, através desse estudo, que o movimento humano é uma construção individualizada que se caracteriza pela influência da cultura e de seus elementos.

Finalmente, entendeu-se que o aluno é o seu corpo, historicamente produzido, e que se movimenta de forma intencional e significativa (MENEZES, 2007).

Diante do estudo apresentado, deve-se entender que a atividade física escolar orientada como intervenção lúdica para a compreensão e expressão da corporeidade corrobora a afirmação de Manoel Sergio (1999), quando define que a ludomotricidade é o comportamento motor típico das atividades lúdicas e que o jogo lúdico é constitutivo da cultura, arte e esporte sob a perspectiva da liberdade e sem intenção de produtividade, podendo ser fator de expressão da corporeidade.

Nesse sentido, corporeidade e estética se relacionam e se entrelaçam culturalmente visto que os modelos estéticos historicamente construídos submetem o sujeito à inclusão ou exclusão social.

O corpo, como primeira forma de comunicação, desde os primeiros instantes de vida através de simetrias e assimetrias, mobilidades e imobilidades, enfim, através de suas expressões, continua ao longo da vida, transmitindo, mesmo que sem conhecimento consciente, mensagens através dos gestos, o que permite que o receptor faça um juízo de valor desses mesmos gestos, mesmo que esses valores não sejam os que o emissor pretende transmitir.

Isso significa dizer que desde o vestuário, a distância interpessoal, a expressão facial, as atitudes corporais podem parecer mais ou menos agressivas de acordo com a cultura à qual o sujeito pertence. A “identidade corporal”, que é gerada por essas atitudes e comportamentos corpóreos, comunica os valores sociais do sujeito, tratando o corpo como um sinalizador de

pertença a um determinado grupo. O desvelar desse autoconhecimento é construído junto às vivências diárias e difere de acordo com o gênero (RODRIGUES, 2005).

Segundo Manoel Sérgio (2005), citando Agostinho Ribeiro, “o corpo está para mudar de estatuto na sociedade ocidental”. Assumindo qualquer identidade à sua escolha e podendo ser controlado e moldado, o corpo sempre se encontra numa situação inacabada.

A busca por adaptar esse “corpo objeto” aos moldes atuais se reflete em diversas faixas etárias. Pesquisa feita em escolares, com o objetivo de avaliar a prevalência de insatisfação corporal e fatores associados em dois municípios de pequeno porte no Sul do Brasil, demonstrou a prevalência de insatisfação com o corpo de 63,9%, sendo que apenas 16,9% estavam com sobrepeso. Este estudo realizou-se com 573 escolares, de 8 a 10 anos, dos municípios de Dois Irmãos em Morro Reuter, Rio Grande do Sul (TRICHES e GIUGLIANI, 2007).

É relevante e assustador quando a preocupação com o corpo é constatada em pré-adolescentes de cidades do interior, embora em menor proporção que nos grandes centros. Triches e Giugliani (2007) apontam que a insatisfação corporal está focalizada claramente em relação ao peso, forma do corpo e gordura corporal.

A aparência é carta de visita para o mercado de trabalho, e a mídia propaga a imagem de um corpo magro e jovem onde mulheres e homens se sentem fragilizados por estarem fora dos modelos atuais (FREITAS, 2006).

Veiga (2006) propõe uma reflexão sobre a beleza como produto de consumo, onde se torna obstáculo não se apresentar com o padrão estereotipado exibido pela mídia, o corpo então se transforma num cartão de visitas com o qual o sujeito é aceito e reconhecido socialmente.

Não somente a aceitação no grupo social como também a sua própria sobrevivência estão atreladas a essa padronização, pois estudos afirmam que a boa aparência é cartão de visita para a empregabilidade. Em Londres, homens com boa aparência têm salários até 15% mais altos e as mulheres 10% do que outras pessoas que ocupam o mesmo cargo. O mesmo estudo revela que mulheres obesas recebem 5% menos que outras mulheres em posições semelhantes. Assim sendo, entende-se que a busca pela beleza torna-se fundamental para a conquista do mercado de trabalho (GENTA, 2002).

O fato de estar fora dos padrões de beleza estereotipado e até mesmo ser obeso implica em fazer parte de uma categoria social específica e ser tratado de forma diferenciada, tendo que suportar desde apelidos pejorativos até comprar em lojas específicas para obesos. Estar fora dos padrões significa não provocar interesse e sofrer diante do desprezo do outro (CHAMBLISS; FINLEY; BLAIR, 2004).

O ser gordo, diante das prescrições científicas e do modelo dominante social atual, no qual gordura é sinônimo de doença, provoca culpa por não possuir o corpo magro das mulheres e o corpo musculoso dos homens (SUDO e LUZ, 2007).

Serra e Santos (2003), em análise a títulos e subtítulos de matérias da revista *Capricho* detectam que a apologia às diferentes e milagrosas dietas é uma constante, assim como exercícios milagrosos são oferecidos para que o sucesso seja atingido. Nas entrelinhas de todos os apelos feitos pela mídia, o corpo obeso é visto como deformidade à qual são oferecidos imediatos reparos (FIGUEIRA, 2003).

O empenho da mídia em popularizar a atividade física, por vezes, transmite que a forma física ideal deve ser alcançada a qualquer custo. Para se obter o corpo magro com baixo percentual de gordura e o aumento da massa magra em busca de ascensão social, são indicados caminhos fáceis como o consumo de hormônios, cirurgia estética, podendo causar alto grau de frustração, caso não tenha êxito (POPE, PHILLIPS e OLIVARDIA, 2003).

Segundo Katz, Kupermann e Mose (2004), nas sociedades contemporâneas o desejo é vinculado ao belo, e o feio é considerado como uma doença a ser extirpada, condenada à exclusão. Para eliminar a feiúra indesejável é válido todo tipo de intervenção, plásticas,

ginástica e roupas. O belo significa prazer e felicidade, enquanto o feio resulta em inadequação.

Fugir aos padrões contemporâneos, assim como a tudo que é diferente da maioria, gera a marginalização e os apelidos e caricaturas pesam tanto como os adjetivos que visam amenizá-los: os obesos são denominados de “gordo feliz”, “ele é fortão” (KUPERMANN, 2004).

Sendo a imagem corporal um conceito que o indivíduo tem si mesmo, tão influenciável pela percepção que se tem do mundo, o conceito externo de padrão de beleza torna-se uma crença inquestionável, com o risco do cidadão ser marginalizado e rotulado.

Portanto, até mesmo os atletas, que pelo próprio efeito da atividade física deveriam estar satisfeitos com seu corpo, sofrem com as expectativas que neles são depositadas.

Paim e Strey (2005) realizaram estudo com o intuito de identificar a percepção de corpo da mulher que joga futebol e para tanto entrevistou 12 adolescentes do sexo feminino praticantes desse esporte. As respostas foram agrupadas em três grupos: na categoria importância do corpo verificou-se que as adolescentes davam grande importância à estética e à sua aparência frente ao outro; em relação à satisfação com o próprio corpo, apresentavam insatisfação moderada e, em relação ao estereótipo de gênero, demonstram uma dualidade de sentimentos, ora afirmando que a prática de futebol era procurada pela busca da melhor saúde, ora deixando claro que a prática lhes proporcionava comportamentos agressivos gerando para si atributos masculinos.

Bourdieu (1999) afirma que a imagem do homem é associada a seres fortes, potentes e viris, e as mulheres a seres delicados, submissos, apagados.

Marsillac e Souza (2006) atestam que se tornar diferente do padrão social estabelecido é incontestavelmente considerado como inabilidade, sem a possibilidade de ser uma opção própria. Já seguir um modelo “ideal” de corpo torna-se uma tortura em busca de aceitação e perfeição.

É necessário, no entanto, analisar os fatos dentro do contexto social. Nos estudos citados anteriormente, o estudo feito em adolescentes, mulheres e homens de classe média, num contexto adverso, a autoimagem pode ser considerada de acordo com a valoração do grupo no qual estão inseridos.

De acordo com Boltanski (1979), os cuidados estéticos e a preocupação com o corpo são relacionáveis à classe social, ou seja, quanto mais elevada a classe social, maior a preocupação com a imagem corporal.

O discurso em torno de uma alimentação natural pode estar ligada ao nível educacional e intelectual, tendo como aliados maiores recursos financeiros, flexibilidade de horários e autonomia. Ao contrário das classes populares, que tendem a priorizar a economia de energia para as longas jornadas de trabalho, o que se traduz numa visão utilitarista do corpo.

Estudos feitos em grupos de mulheres da Rocinha em relação à percepção corporal evidenciaram que os padrões de corpo ideal são diferentes dos atributos estéticos que vigoram em classes sociais mais elevadas. Os incômodos causados pela obesidade eram alegados, não pela estética, mas sim pelos sintomas que esses causavam, atrapalhando a produção na vida do trabalho, nos afazeres familiares. Ainda em alguns casos, verificou-se que o corpo obeso era valorizado pela força de trabalho e melhoria da classe social (FERREIRA e MAGALHÃES, 2006).

Maldonado (2006) reitera que existem diferenças entre classes sociais na maneira de valorizar e perceber o corpo. Assim, o corpo moldado através de ginástica e cirurgias é feito para o prazer, consumo e poder, sendo característico das classes altas. Para a classe média, a intenção de corpo popularizado pela mídia frustra e causa insatisfação pela dificuldade de alcance desse mesmo modelo. Em contrapartida, na classe baixa, segundo essa mesma pesquisa, mulheres que trabalham no campo têm como belo e saudável o corpo gordo, forte e grande, relacionando-o à força para combater a rotina pesada no campo, o que diverge da classe operária urbana, que mesmo necessitando dessa força para o trabalho se vê

contaminada pelas interferências midiáticas que lhe causam insatisfação com a própria imagem.

É interessante notar, entretanto, que no momento atual as revistas e a mídia que disseminam a ideia de obtenção da boa forma de maneira rápida e a qualquer custo, embora preguem o modo de vida dominante, são lidas e ouvidas em todas as classes sociais e principalmente por mulheres (MALYSSE, 2002).

A imprensa denominada feminina mistifica um padrão ideal de corporeidade para este sexo, a partir de seus editoriais, consolidando o papel deste gênero em nossa sociedade. Esse discurso midiático se torna real quando propõe de forma assertiva uma transformação corporal, sem considerar que os modelos são tratados para as fotos com tecnologia de ponta e cosméticos, processos esses inviáveis no dia-a-dia (BRAGA, 2003).

Segundo os estudos citados anteriormente, a mídia e as exigências sociais colaboram de maneira imperativa na construção da corporeidade de pessoas de várias faixas etárias e diferenciadas regiões, então, qual será o papel da escola, como instituição participativa nesse processo? Quais as possibilidades de intervenção através da Educação Física Escolar já que essa trabalha intimamente com o corpo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tomada de consciência e a significação dos conteúdos fundantes de uma disciplina curricular constroem sua identidade. Assim o termo “consciência” que deriva do latim “conscientia”, que significa saber em comum, liga-se a uma noção íntima dos atos realizados pelo próprio sujeito e que testemunham a sua intencionalidade, implicando um julgamento de si e fazendo também apelo a um conhecimento susceptível de ser partilhado com os outros” (RUI MARTINS, 2005), é fundamental de ser interiorizado para as propostas interventivas reais no campo da Educação Física Escolar.

As possibilidades a partir do conhecimento sobre o corpo são inúmeras. Filho, Bandeira e Jorge (2005) asseveram que, desvelar as práticas e técnicas corporais, pode-se perceber a historicidade do homem na sociedade, assim como os valores sociais, econômicos e culturais dos sujeitos. E, sendo a escola a responsável pela sistematização de conhecimentos, torna-se o espaço ideal para compreender e problematizar os artifícios criados pela classe dominante na manutenção do poder.

Embora a escola não seja redentora da sociedade, mas sim compreendida como espaço de implementação de questionamentos e palco de intervenções fundamentadas, devem ser discutidos os conteúdos transmitidos pela disciplina Educação Física no Ensino Médio, uma vez que emerge a necessidade de não se restringir aos temas do movimento e saúde, mas contemplar em sua prática docente discussões sobre atividades motoras e seus estereótipos, assim como a simbologia do corpo e dualidade corpo-mente, desmistificando a prática de atividades físicas e tornando o cidadão capaz de escolhê-las, segundo as suas reais necessidades (MALDONADO, 2006).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BRAGA, A. **Corporeidade discursiva na imprensa feminina**: um estudo de editoriais. Em questão. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p.109 -120, 2003.

COSTA, J.F. A ética democrática e seus inimigos. In: COSTA J. F. *et al.* **Ética**. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

CHAMBLISS, H; FINLEY, C. N; BLAIR, S. N. **Attitudes toward obese individuals among Exercise Science** in Sport & Exercise, v. 36, n. 3, p. 468-474, 2004.

FERREIRA, V. A.; MAGALHÃES, R. **O corpo cúmplice da vida: considerações a partir dos depoimentos de mulheres obesas de uma favela carioca.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2006.

FIGUEIRA, M. L. M. A Revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação.** Petrópolis: Vozes, 2003, p.125-135.

FILHO, A. L.; BANDEIRA, L. B.; JORGE, A. C. A Educação do corpo em ambientes educacionais. **Pensar a prática**, Goiás, 2005.

FOUCAULT, **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1988.

FREITAS, N. K, **Corpo, imagem corporal, educação e sociedade: tramas conceituais.** Revista Espaço Acadêmico. n. 57, 2006. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>. Acesso em: 05 de julho 2008.

GENTA - **Grupo de Estudos em Nutrição e Transtornos Alimentares.** Disponível em: <<http://www.genta.org.br>>. Acesso em: junho de 2002

KATZ, C. S; KUPERMANN, D.; MOSE, V. (orgs). **Beleza, feiúra e psicanálise.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

KUPERMANN, D. Fascinação da Feiúra. In: **Beleza, feiúra e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Contracapa, p. 39-48, 2004.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (org). **Nu e vestido.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARSILLAC, A. L. M.; SOUZA, E. L. A. **Corpo e imagem: excesso em deslocamento.** São Paulo: Imaginário, 2006.

MENEZES. **Estudos das alterações na expressão da corporeidade de alunos praticantes de educação física escolar.** Revista digital – Buenos Aires, n.105, 2007. Disponível em: <www.efedesportes.com>. Acesso em: 4 de julho 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MALDONADO, G. R. A. Educação Física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA. Rodrigues. Luiza; **O sujeito como interface na escola que reproduz e que transforma.** Tese de doutorado em Educação, Faculdade de Educação de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA. V. M. **O que é educação física.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

POPE Jr.; H. G; PHILLIPS, K. A.; OLIVARDIA, R. **O complexo de Adônis: Obsessão masculina pelo corpo.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RODRIGUES, D. **O corpo que (des)conhecemos**. Corporeidade e exclusão. Lisboa, SIG-Sociedade Industrial Gráfica, 2005.

SCOPEL, E. J. e BARTILOTTI, C. **Reflexões sobre o corpo como modo de ser no mundo**, 2006. Disponível em: <www.psicologia.com.pt>. Acesso em: 02 agosto 2008.

SERRA, G. M. A; SANTOS, E. M. Saúde e Mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.8, n.3, p. 691-701, Manguinhos, 2003.

SERGIO, M., **Um objeto de estudo: a Motricidade Humana**. Campinas/SP: Papyrus, 1989.

_____. **Um corte epistemológico**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____. **O corpo que (des)conhecemos: uma reflexão sobre o corpo**. Lisboa, SIG-Sociedade Industrial Gráfica, 2005.

SUDO, N.; LUZ, M. T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, 2007.

TRICHES. R. M.; GIUGLIANI E. R. J. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da Região Sul do Brasil. **Revista Nutrição**. Campinas, v. 20, n. 2, 2007.

VEIGA, A. P. **A instituição da beleza no universo feminino**. IGT na Rede, Rio de Janeiro, n. 5, v. 3, 2006.

VIEIRA. F. R. **Efeitos da atividade física em academias na imagem corporal de obesos**. Rio de Janeiro, 2004.

Rua: Domingos Viana, 138/202
Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes-RJ
CEP: 28013-085